

# EM DECÚBITO DORSAL

Plínio Carneiro

O ar abafado da cidade parecia transformar as ruas numa imensa sauna, os transeuntes com os rostos brilhantes e suados corriam para debaixo das marquises, fugindo do sol pleno do meio-dia. Era a hora da pressa, todo mundo deslocando-se para o almoço, as lanchonetes apinhadas, quentes, intransitáveis.

O mulato, alto e magro, vinha descendo a rua lendo uma revista, sem pressa, sem prestar atenção aos esbarrões que levava por estar na contra-mão do passeio cheio de gente. Na esquina da avenida, ele parou um momento, junto às pessoas que esperavam o sinal abrir. Continuava lendo a revista, segura com a mão direita, a esquerda levando a marmitta redonda, encapada de pano marrom.

O sinal amarelou e uma onda de gente começou a descer do meio-fio, preparando-se para atravessar a rua. Foi quando alguém gritou «cuidado, lá vem um pesado». Era um caminhão-betoneira, tentando aproveitar o sinal amarelo, que vinha desabalado, quase junto do meio-fio. O motorista ainda tentou frear, mas era tarde: o mulato alto e magro, lendo a revista, havia descido do passeio e fora pego pela roda direita do caminhão, sendo jogado para cima.

A multidão recuou no grito de morte do mulato. Tudo muito rápido para a vista, para a compreensão do povo que se comprimia ao lado do sinal luminoso. O motorista da betoneira parou o veículo e abriu a porta. Sem sair do estribo,

olhou para baixo, mas só viu os pés do atropelado entre as rodas dianteiras e trazeiras. Num átimo, ele viu também os rostos dos pedestres e sentiu um frio percorrendo as veias. Não pensou duas vezes, acelerou o caminhão e arrancou.

O mulato, leitor de revistas, já devia estar morto debaixo do caminhão. Se não estivesse, o arranco que levou, ao ser novamente atropelado pelas rodas trazeiras, se encarregaria de destroçar o que restava de seu corpo, comprido e magro. Quando o corpo se acomodou novamente no asfalto, um estreito fio de sangue, vermelho e grosso, começou a correr entre a poeira.

A betoneira havia feito um estrago naquele corpo que agora se comprimia de barriga para cima, entre a boca-de-lobo e o meio-fio. A cabeça estava escondida debaixo do braço direito, a mão ainda segurando um exemplar de uma revista de palavras-cruzadas; as pernas desarticuladas pareciam extensões de marionetes. Mas não havia sinal de sangue no corpo: o sangue escorria por debaixo do tronco, formando um pequeno canal que terminava no bueiro.

O caminhão havia arrancado um pedaço da camisa e as calças e a cueca do atropelado estavam nos joelhos, deixando à mostra o púbis do mulato, o pênis murcho apoiado na barriga.

O povo se juntara à volta do corpo, guardando uma distância de dois metros, invadindo a rua. As pessoas formavam um círculo de espanto, os olhos pregados naquela massa disforme que há pouco representava um ser humano, de revista e marmitta em punho.

Homens, mulheres, meninos, formavam a roda que guardava o cadáver. Os olhos de todos, na falta de um rosto à mostrar no corpo inanimado, fitavam o membro do mulato, circuncisado, murcho, sem serventia. As pessoas queriam olhar para o rosto do morto: o rosto estava escondido — não havia sangue nem machucões, apenas aquele membro a incomodar os olhares públicos.

Um velho destacou-se do grupo e, desdobrando seu jornal, tentou cobrir o púbis do morto com as folhas do caderno

de pequenos anúncios. Inútil, porque o corpo estava muito apertado no meio-fio e qualquer ventinho tirava o jornal do lugar, deixando à mostra o membro do cadáver.

O grupo continuava a velar o atropelado, os de trás tentando um lugar mais perto do corpo, os primeiros resistindo aos empurrões, informando com palavras curtas os «que-que-foi» dos retardatários. Ninguém falava alto, os cochichos abafavam até o barulho das buzinas, do povo apressado que, impossibilitado de ver o falecido pela massa compacta à volta do morto, continuava a correr pelas ruas.

E não aparecia nem uma autoridade para resolver o problema: mais de vinte minutos debaixo do sol forte e o morto continuava na mesma posição, exposto e descomposto aos olhares públicos, desconjuntado ao lado da boca-de-lobo que bebera seu sangue, o membro à mostra.

Havia um mal-estar entre os assistentes, estacionados à volta do corpo, os olhos fixos em cada pedaço de carne do mulato: só o púbis, porque o resto era pano e sapatos. Até as mãos tinham sumido entre os cabelos e o meio-fio.

O pessoal não arredava pé, cada um guardando sua posição para ver o desfecho. Foi quando o porteiro do hotel da esquina abriu passagem e, desenrolando uma toalha de banho, cobriu o púbis do cadáver.

Um quase imperceptível suspiro de alívio percorreu a roda, as pessoas se olharem e começaram a desmanchar o círculo. Ainda se viam as pernas desarticuladas do mulato, a cabeça escondida no meio-fio, a revista de palavras-cruzadas, a marmita forrada de pano marrom, o fio de sangue coagulado que ligava o corpo ao bueiro.

Um suspiro generalizado pareceu aliviar a moral da cidade, acostuada a atropelamentos. A roda humana se desmanchava rapidamente: já não havia no corpo do mulato sinal que o classificasse de ser humano — tudo estava encoberto pela toalha.

A cidade voltava a correr, afinal todos tinham pouco tempo para o almoço.